

# “Brasil não voltará a desfrutar do milagre”

ESTADO DE SÃO PAULO

WASHINGTON — O Brasil não voltará a desfrutar de explosão econômica igual à do “milagre” de 1968-3, segundo os economistas da Divisão Atlântica do FMI, Horst Struckmeyer, que chefiou a missão do Fundo que visitou o País, e Thomas Reichmann.

“O estado atual dos mercados financeiros e as perspectivas do pioro que temos diante de nós indicam claramente que já não é viável o caminho do desenvolvimento econômico seguido pelo Brasil no passado”, afirmam os dois economistas em estudo publicado pelo boletim mensal **IMF Survey**.

No período 1968-73, o Brasil alcançou média de 11,5% ao ano de crescimento econômico. O ritmo começou a diminuir em 1973, quando o Brasil sofreu as consequências do primeiro choque do petróleo. É necessária uma mudança fundamental na estratégia econômica, afirmam Struckmeyer e Reichmann na análise. O problema — acrescentam — é que o Brasil “não poderá depender em igual medida que no passado dos recursos financeiros estrangeiros, para custear seu esforço de desenvolvimento. Ao contrário, os investimentos e o crescimento dependerão muito da geração de grandes somas de poupança interna”.

A análise parte da premissa de que o comportamento econômico do

Brasil “sofreu em 1982 outro sério tropeço. A produção parece estancada, a inflação continua em cerca de 100% e a situação externa está consideravelmente debilitada”. O estudo de Struckmeyer e Reichmann aponta ainda para a “deterioração do balanço de pagamentos, que reflete o declínio dos preços internacionais dos produtos básicos, o crescente protecionismo internacional e as dificuldades econômicas nos países que são importantes compradores dos produtos industriais brasileiros”.

“O déficit em conta-corrente — continuam — aumentou de quase 3,5 bilhões de dólares para cerca de 14,5 bilhões, o equivalente a cerca de 4,5% do PIB” e o “valor das exportações caiu mais de 13%, pouco mais de 20 bilhões de dólares”, principalmente devido à redução do volume.

O valor das importações — prossegue — “diminuiu mais de 12%, para 19,5 bilhões de dólares, e os pagamentos líquidos dos serviços aumentaram de três para 15 bilhões de dólares”.

“O Brasil, que até agosto de 1982 tinha amplo acesso aos empréstimos a médio e longo prazos, encontrou dificuldades repentinas em consequência da crise financeira que explodiu naquele mês”. Além disso, em 1982 deixou um déficit global no balanço de pagamentos de cerca de nove bilhões de dólares.